

Idéia de alongamento da dívida é criticada

Para Franco, proposta de Ciro é 'voluntarista' e Tesouro vê dificuldade em implementá-la

O ex-presidente do Banco Central Gustavo Franco admite que o prazo curto e o alto custo da dívida brasileira são problemas graves, mas acha que futuros governos devem evitar qualquer solução que fuja às regras tradicionais de mercado. Franco considerou "voluntarista" a proposta de alongamento feita pelo virtual candidato à Presidência, Ciro Gomes (PPS), mas reconhece que ele tocou num problema muito sério.

"Depois de seis anos de estabilização, mais da metade da dívida brasileira ainda é overnight", disse Franco, referindo-se aos papéis do Tesouro indexados ao over (LFT). O ex-presidente do BC lembrou que as tentativas de alongamento têm sido feitas a um custo muito alto pelo BC e

pelo Tesouro para obter resultados ainda modestos.

Franco citou, como exemplo de alongamento que poderia ser feito com mecanismos de mercado, a troca de títulos promovida durante sua gestão, que permitiu um perfil mais longo do endividamento externo brasileiro. No caso da dívida interna, Franco considera que o BC também poderia oferecer papéis de prazo mais longo em troca da garantia de uma correção mais atraente para o investidor. A condição necessária neste processo, segundo Franco, é que a adesão do investidor seja voluntária.

O Tesouro Nacional vem fazendo um alongamento "gradual" do prazo da dívida interna do governo, que hoje chega a R\$ 494 bilhões. De acordo com o secretário-adjunto do Tesouro Nacional Rubens Sardenberg, o prazo médio da dívida, que em março era de apenas 19,67 meses, em agosto chegou a 29,3 meses, maior prazo apurado este ano.

Esse alongamento gradual é um dos motivos que levam o Tesouro a considerar difícil a implementação da proposta defendida por Ciro.

Para o consultor Raul Velloso, especialista em contas públicas, o debate sobre o alongamento da dívida pública interna é "desnecessário e inconveniente". Segundo ele, esse tipo de declaração cria dificuldades para o lançamento de títulos com vencimento no próximo governo. Os investidores ficam desconfiados de "um calote" se Ciro eventualmente ganhar as eleições presidenciais.

O economista-chefe do Banco BBVA, Octavio de Barros, entende que está havendo melhoria de percepção da dívida pública interna com gestão governamental "eficiente e de restauração da credibilidade". Ele não quis comentar as declarações do ex-ministro. **(Renato Andrade, Josué Leonel, Fátima Cardoso e Rodney Vergili, Agência Estado)**